

# DO TERRITÓRIO PRODUZIDO E VIVIDO AO DINAMISMO TERRITORIAL

*Cleonice Alexandre Le Bourlegat*  
junho de 2008

<http://www.siid.ucdb.br/docentes/arquivos/109132>

## 1. INTRODUÇÃO

Os seres humanos, ao cristalizarem as relações entre si e com o ambiente vivido, constroem-se como sujeitos (individuais e coletivos), ao mesmo tempo em que constroem territórios como sistemas geográficos, com estrutura, conteúdo e sentido existencial, dotados de meios com dinâmicas próprias.

Uma vez construído o território, a sociedade que lhe deu origem passa a manter com ele relações dialéticas, num processo interativo, impregnando-se de seu modelo construtivo (MORIN, 1998) e criando sentimentos e emoções que favorecem a vinculação com o grupo/ ou coletividade e a vinculação com o próprio território, na construção de um mundo particular, por meio do qual se comunica com outros mundos.

Nessa relação interativa, o sujeito – individual e coletivo – passa a manter no território uma relação existencial, na medida em que vivencia ali o cotidiano de suas relações sociais e com o território construído e que continua a construir. Nesse processo, o sujeito –individual e coletivo- constrói sociedade e território, ao mesmo tempo sendo construído por eles, numa circularidade constante.

O território se constrói por e a partir de relações estabelecidas por um conjunto de indivíduos (atores), em um dado ambiente físico de referência (SOUZA, 1995), para por em prática um projeto em comum (portanto com um fim e assim é intencional), em acordo ao modelo espacial presente na mente de seus construtores (RAFFESTIN, 1993), a cultura nele impregnada e o conhecimento que os mesmos já detêm a respeito da atividade e dos objetivos que eles pretendem alcançar.

O sistema territorial se constrói historicamente por um processo de apropriação, em função do uso das capacidades e competências humanas na adaptação de recursos disponíveis a fins previamente definidos coletivamente e que visam a adaptação ou superação do modelo territorial constituído (SERFATY GARZON, 2003). Esse processo também implica em experiência e aprendizado, cujo conhecimento resultante fica incorporado nas pessoas e organizações e quando ele é compartilhado, fica também enraizado no território.

## 2.TERRITÓRIO PRODUZIDO

O território construído, ou território produzido, configura-se como um sistema que expressa um tipo de estrutura e ordenação sócio-espacial (BONNEMAISON, 2002). Cada conjunto estrutural de um sistema territorial é um “território produzido”. Nasce do processo de produção e se estrutura em acordo com as próprias finalidades, funções e nível tecnológico do território.

### 1.1 *Dimensão tangível e intangível do território produzido*

O território produzido apresenta uma estrutura em rede - constituída de uma tessitura de linhas e nós – em duas dimensões:

(01) Dimensão tangível, constituída por estruturas de edificação e de instrumentos de uso, de infra-estrutura de comunicações e transporte, de produção, entre outros;

(02) Dimensão intangível, constituída por uma estrutura de regras, valores, crenças, representações, símbolos, memória histórica, linguagem, conhecimento, sentimentos.

A estrutura tangível constitui a dimensão objetiva do território, passível de ser objeto de observação direta e de cartografia. Já a estrutura intangível constitui o universo simbólico, a dimensão subjetiva do território, sendo possível de ser interpretada por meio da fala dos sujeitos (atores) de cada território. Um elemento do sistema tangível pode se revelar tangível, quando se materializa no território, a exemplo de um símbolo religioso representado por meio de um templo construído, ou da memória coletiva presente em um museu ou um monumento histórico.

## 3.TERRITORIO VIVIDO CONCEBIDO COMO ESPAÇO E COMO MUNDO EXISTENCIAL

A dimensão subjetiva do território nasce do processo de vivência dos sujeitos – individuais e coletivos- com o território construído e se manifesta como território concebido e como mundo existencial..

### *2.1 Território concebido: o espaço geográfico*

O território construído deixa seu modelo impregnado nas mentes de quem o vivencia como “espaço concebido”, em forma e conteúdo. A cultura **territorial** inscreve sua marca nos atores que dela fazem parte, tanto em sua maneira de conhecer – dado pelo modelo e estrutura do pensamento e lógica de raciocínio – como de se comportar e de projetar e construir estruturas construtivas.

E é com base nesse modelo espacial (espaço geográfico) que os sujeitos – individuais e coletivos- continuam se reproduzindo e produzindo novos territórios (RAFFESTIN, 1993). Assim, os indivíduos interagem e planejam suas ações com base num modelo concebido de território anteriormente vivido (o espaço), mas o modelo efetivamente construído da realidade vivida (território) acaba sendo fruto das probabilidades de ações interativas e condições dadas pelo contexto espaço-temporal (IDEM, 1993).

### *2.2 Território construído como mundo existencial: o “lugar”*

As experiências diretamente vividas pelo corpo humano no território construído e a relação intersubjetiva com esse território, por meio da herança sócio-cultural e do papel assumido no cotidiano constituem condições básicas para que os seres humanos criem a conscientização de um mundo compartilhado, apreendendo e comungando os horizontes de mundo de outras pessoas e da coletividade como um todo (BUTTNER, 1985).

As relações de vizinhança, os deslocamentos cotidianos pelos diferentes lugares conhecidos e os pequenos atos corriqueiros no processo de vivência no território construído, propiciam a busca de significações, carregadas de afetividade, símbolos e emoções (CARLOS, 1996). Tuan (1980) denominou “topofilia” ao elo afetivo estabelecido entre a pessoa e o lugar físico de existência que teria origem na maneira como o ser humano percebe e estrutura seu mundo.

De fato, esse tipo de relação existencial permitiria uma integração total do sujeito com o objeto construído (BUTTNER, 1985), num processo de construção holística (integração do ser no todo) possibilitando-lhe a percepção do território vivido como seu “lugar” e seu “mundo particular”, ao mesmo tempo revelando por ele e por quem nele vive um sentimento de reconhecimento e afetividade e de um “sentir-se em casa”, tanto social como espiritualmente. Cria-se por esse processo o sentimento de pertença ao lugar e ao grupo/ ou coletividade, assim como um sentimento de auto-

identificação de si mesmo e de si em relação a esse mundo. Nessa relação existencial cria-se valores, sentimentos e símbolos em relação ao território, e que dão origem a expressões como “meu lar” para a residência ou de “pátria” para o país de origem.

O lugar, conscientizado como mundo existencial, tem se manifestado como local de resistência social frente aos processos de globalização (SANTOS, 1996). Tem sido através do lugar que a sociedade vem se rebelando e construindo racionalidades próprias como contra-ordens, por meio de reconstituição de significados, diante da imposição desorganizadora que emana da globalização (Idem, 1986).

#### 4. DINÂMICA INTERATIVA DO “MEIO TERRITORIAL”

O sistema territorial se manifesta por um “campo interativo”, fruto da ação dos sujeitos – individuais e coletivos- entre si, mediados pelo ambiente natural, assim como da interação dos atores desse território com aqueles de outros territórios ou escalas territoriais. Esse campo de interações constitui o meio ou o ambiente territorial, sendo considerado o “conteúdo” do sistema territorial.

Assim, o meio territorial que emerge das interações estabelecidas (tanto em nível interno como externo) constitui o “campo de forças” do território, pois é esse o meio impulsionador de seu dinamismo e de onde emerge sua capacidade organizativa e de inovação. O território local, a exemplo do que afirma Souza (1995) constitui esse campo de poder ou de forças que se manifesta na rede de relações sociais. O poder, segundo o autor, jamais é propriedade de um indivíduo, mas pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo permanecer unido, manifestando-se como uma habilidade de agir em conjunto.

Esse “campo de poder” estabelecido no meio territorial é de natureza, sobretudo, intangível, já que nasce de forças sociais interativas que se relacionam com capacidades e sentimentos sociais desenvolvidos internamente nesse processo relacional. Destacam-se entre essas forças sociais:

- *Divisão social de trabalho* – força que nasce da soma de esforços individuais numa forma de colaboração coletiva, envolvendo divisão de trabalho - feita por especialidade – de modo a possibilitar o aumento da produtividade do conjunto social. Essa foi por longo tempo o tipo de força mais valorizada pela sociedade capitalista industrial.

- *Sinergia social* – força social que nasce da multiplicação voluntária de esforços individuais numa forma de cooperação coletiva do tipo horizontal – sem controles hierárquicos. Surge da capacidade em se praticar solidariedade social – criando nós de convergência coletiva por processos interativos. Na economia, esse tipo de força é denominado de “capital social” pela sua capacidade de dinamizar os processos econômicos. Por se constituir em força multiplicada, a sinergia tem um papel mais significativo que a divisão de trabalho no dinamismo do território. A força social pode ser ainda mais ampla quando divisão de trabalho e cooperação conseguem se combinar.
- *Aprendizagem coletiva* – capacidade do grupo ou coletividade para se abrir constantemente ao conhecimento novo – tanto aquele de origem interna como externa - combinando-o com o conhecimento historicamente acumulado no lugar e adequando-o à situação contextual, cultura e condições dadas no local. Tem como fim a adequação e/ou superação do modelo territorial vivenciado. A aprendizagem é interativa, sendo compartilhada socialmente numa dinâmica de diálogo de saberes. É preciso distinguir nesse processo o “conhecimento tácito” – aquele historicamente enraizado nos indivíduos, organizações e território e que move suas idéias e práticas sociais - do “conhecimento científico” como aquele que foi sistematizado pela academia científica (conhecimento científico ou codificado) e que se torna disponível como informação nos manuais, textos científicos, na fala dos pesquisadores e professores. “Territórios inteligentes” na atualidade são aqueles capazes de criar arranjos ou sistemas de inovação, constituídos por indivíduos, empresas e organizações de apoio (público, privadas e do terceiro setor) em rede, mantidos num constante diálogo de saberes, incluindo o saber tácito e o científico. Esse tipo de força social tem sido considerado nos processos econômicos como “capital cognitivo” pela significativa capacidade inovativa que ele pode atribuir ao território.
- *Poder organizativo social* – capacidade do grupo ou coletividade em criar ações de coordenação política, com participação ativa dos atores territoriais, visando o protagonismo local na ampliação do controle sobre os recursos e gestão do território. Ele se origina do pacto realizado entre atores, visando o fortalecimento e manutenção da estabilidade do sistema territorial, sendo movido por um conjunto de regras consentidas e compartilhadas

coletivamente (LELOUP et al, 2004). Esse poder organizativo, chamado de “governança territorial” se respalda, sobretudo, na capacidade participativa e interativa do grupo ou coletividade que deu origem ao território. O processo implica em negociação constante dos atores envolvidos, buscando acomodar interesses conflituosos. A governança territorial, além de favorecer os acordos internos atribui maior autonomia ao grupo para atuar em prol de opções comuns. E essa força se amplia quando a ação de coordenação é feita a partir de maior diversidade de representação de atores (privado, estatal, da sociedade civil) e atinge escalas mais amplas de organização. A forma de governança revela o conteúdo cultural do território e a força local para se manter a “autonomia relacional” do território, ou seja, sua capacidade para se auto-determinar frente ao processo de relações estabelecidas interna e externamente.

- *Sentimento de identidade* de grupo e de lugar – representação particular que cada indivíduo e coletividade apresentam de si mesmos e de sua história (DI MEO, 1999) e que se expressam na relação com os outros. São as ações solidárias e em comum acordo entre os atores envolvidos no tecido de relações que geram a cultura particular de valores e representações simbólicas e fortalecem a coesão e identificação do grupo ou da coletividade. Nesse mundo relacional e subjetivo, se constrói a sentimento de pertença ao grupo/ coletividade e ao lugar de vida. Nesse processo interativo, a coletividade edifica sua integridade e a integridade do território. Assim, cada unidade territorial revela sempre uma unidade social e a unidade social e cultural revela sempre um território. Essa força também tem sido chamada de “capital cultural” em processos econômicos, pela capacidade de atribuir coesão ao grupo ou ao território econômico.

A “territorialidade” diz respeito à condição em que se manifesta o modelo de um sistema territorial, revelando o conjunto de formas objetivas e subjetivas ali construídas e vivenciadas, o lugar como mundo existencial e o comportamento dinâmico do meio territorial constituído. Georges Benko (1996) considerou 04 categorias de meios territoriais locais (ou ambientes locais) levando em conta o dinamismo do meio territorial:

(01) *meios inovadores* – considerados os meios mais complexos e dinâmicos que conseguem controlar as forças micro e macro da globalização no local;

(02) *meios dinâmicos* – aqueles que tiram partido de oportunidades dadas pela globalização, embora prejudicados pela ausência de políticas e cultura estimuladoras desse tipo de comportamento;

(03) *meios sem dinâmica endógena* – (pseudo-sistemas territoriais) são aqueles meios territoriais que ainda se encontram desestruturados e se submetem às políticas hegemônicas de multinacionais e do Estado, com resultados ambivalentes;

(04) *meios destituídos de dinâmica própria* – são aqueles que se mantêm por meio da dinâmica de meios locais de sistemas territoriais exógenos.

O desenvolvimento sustentável de um território local depende não só da capacidade de dinâmica inovativa de seu meio, como também da coerência de seu modelo sistêmico - como estrutura (forma) e dinamismo (conteúdo).

## 5. REFERÊNCIAS

BONEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (orgs.) *Geografia Cultural* (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BUTTNER, Anne. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido*. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985, pp. 165-193.

CARLOS, Ana Fani A. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

DI MEO, G. *Géographies tranquilles du quotidien: Une analyse de la contribution des sciences sociales et de la géographie à l'étude des pratiques spatiales*. In Cahiers de Géographie du Québec u Volume 43, n° 118, avril 1999 u Pages 75-93.

[LELOUP. Fabienne et al. \*La gouvernance territoriale comme nouveau mode de coordination territoriale ?\* In 4emes Journées de la proximité : La proximité, réseaux et coordination. 17-18 junho de 2004.](#)

MORIN, Edgar. *Complexidade e liberdade*. In Thot, Associação Palas Athena, São Paulo (67), 1998, p. 12-19.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. *A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In *Território: globalização e fragmentação*. Milton Santos et al. (orgs). São Paulo: Hucitec, 1994.

SERFATY-GARZON, Perla. *L'appropriation*. In Dictionnaire Critique de L'habitat et du Logement. Marion Segaud, Jacques Brun, Jean-Claude Driant (orgs). Paris, Editions Armand Colin, 2003, p27-30.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. et al (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p.